

QUINTA-FEIRA • 18 DE FEVEREIRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30951
de 18 de Fevereiro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA ^{VIV}

ENTREVISTA

MIGUEL ARAÚJO

**O CRIADOR
DE MÚSICAS**

— P.4-5 —

PAPA E PATRIARCA ORTODOXO ASSINALAM ENCONTRO HISTÓRICO

O Papa Francisco e o Patriarca de Moscovo Cirilo (Igreja Ortodoxa Russa) reuniram-se em Cuba, na passada Sexta-feira, no primeiro encontro entre um Papa e um Patriarca de Moscovo após o cisma de 1054. O encontro trata-se de um novo passo de aproximação entre a Igreja Católica e a Ortodoxa, dividida desde 1054, quando o então Papa e o Patriarca de Constantinopla se excomungaram mutuamente. Francisco e Cirilo reuniram-se para debater a questão dos cristãos perseguidos no Médio Oriente e África do Norte.

“Nós somos irmãos”, referiu o líder da Igreja Católica no início do encontro, ao que o Patriarca russo respondeu: “Agora as coisas estão mais fáceis”.

“Na Síria, no Iraque e noutros países do Médio Oriente constatamos, com amargura, o êxodo maciço dos cristãos da terra onde começou a espalhar-se a nossa fé e onde eles viveram, desde o tempo dos apóstolos, em conjunto com outras comunidades religiosas”, pode ler-se na declaração, em italiano e em russo, assinada por ambos no final do encontro.

“Em muitos países do Médio Oriente e do Norte de África, famílias inteiras, cidades e aldeias dos nossos irmãos e irmãs em Cristo estão a ser completamente exterminadas”, acrescentam Francisco e Cirilo.

A questão do conflito na Ucrânia também foi alvo da atenção de ambos. O Papa e o Patriarca lamentam os confrontos e apelam aos envolvidos para se dedicarem à “atividade de construir a paz”. Convidaram as Igrejas da Ucrânia a absterem-se de “participar no conflito”, não apoiando “posteriores desenvolvimentos do

numerous obstáculos, esperamos que o nosso encontro possa contribuir para o restabelecimento desta unidade querida por Deus, pela qual Cristo rezou”, sublinham.

No final do encontro, mediado por tradutores e com uma duração de cerca de duas horas, o Papa Francisco revelou que falaram “claramente” e

“sem meias palavras”, afirmando que definiram uma “série de iniciativas” que crê serem viáveis e que “poderão realizar-se”. “Falámos das nossas Igrejas, coincidimos em que a unidade se faz caminhando”, prosseguiu. Por sua vez, o Patriarca Cirilo reforçou o facto de o encontro realizado permitir assegurar que a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa possam “cooperar conjuntamente, defendendo os cristãos em todo o mundo” e unir esforços na procura pela paz, “para que as vidas humanas sejam respeitadas em todo o mundo”.

O Santo Padre partiu de Roma, com destino ao México, e fez escala em Cuba para o encontro com Cirilo. Já o Patriarca russo estava em Cuba no âmbito de uma visita à América Latina.



mesmo”, num trabalho conjunto de procura de “harmonia social”.

Na declaração fica patente a ideia de afastamento das “antigas disputas do «Velho Mundo»”, onde acrescentam a necessidade de um “trabalho comum entre católicos e ortodoxos”. “Conscientes da permanência de



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

15 Fevereiro 2016

Jesus está à nossa espera e quer curar o nosso coração de tudo aquilo que o degrada. É o Deus que tem um nome: misericórdia.

13 Fevereiro 2016

Maria é a mulher do sim, um sim de entrega a Deus, um sim de entrega aos seus irmãos. Sigam-na na sua entrega.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

13 Fevereiro 2016

Para Jesus não há vidas perdidas. É sempre possível um novo horizonte, é sempre possível a mudança. Ele olha-te com misericórdia e chama-te.



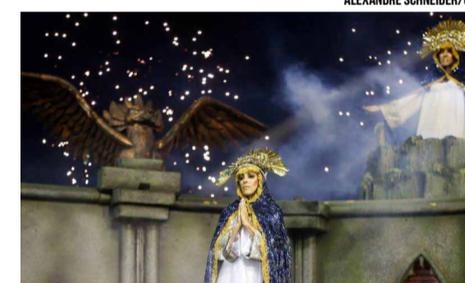
BRASIL ACOLHE A INICIATIVA “ÁTRIO DOS GENTIOS”

O Átrio dos Gentios — plataforma da Igreja Católica que promove o diálogo entre crentes e não crentes — decorre no Brasil, entre os dias 11 e 13 de Abril, sendo Curitiba a primeira cidade a acolher a iniciativa. O diálogo será em torno dos temas ciência, fé, tecnologia, espiritualidade e educação, destacando-se o debate “Deus, Cosmos, Humanidade: um diálogo de fronteiras”, que aborda a relação entre ciência e fé. O Átrio dos Gentios foi criado pelo Pontifício Conselho para a Cultura e inaugurado no ano 2011.



PAPA LAMENTA “EXCLUSÃO” DOS INDÍGENAS

Durante uma homilia no Sul do México, o Papa Francisco apelou por “perdão às comunidades indígenas” e aconselhou todos a aprenderem com eles o respeito pela natureza. Francisco lamentou o facto de os indígenas, em alguns momentos, terem sido “incompreendidos e excluídos da sociedade”. “Que tristeza! Como nos seria útil a todos fazer um exame de consciência e aprender a pedir perdão!”, disse. Sobre a crise ambiental actual, o Santo Padre acrescentou ainda: “Nisto, vós tendes muito a ensinar-nos”.



ESCOLA DE SAMBA HOMENAGEIA VIRGEM MARIA

A escola de samba paulista “Águia de Ouro” apresentou, no Sambódromo de Anhembi, o enredo “Ave Maria Cheia de Faces”. A escola pretendeu homenagear o sentimento da feminilidade e da maternidade, partindo das figuras religiosas femininas. A partir de Maria, a escola optou por fazer um passeio pela História universal e retratar outros símbolos religiosos importantes. Um dos carros alegóricos representava um templo egípcio, associando os deuses Ísis e Osiris e a Sagrada Família de Nazaré.

TIVE UM SONHO?

JORGE VILAÇA

PADRE I COORDENADOR DA PASTORAL DA SAÚDE

1. Um sonho, sem fronteiras (mas com datas, nomes e lugares)

- a) 07/11/2003: partem para Pemba, Moçambique, dois padres diocesanos enviados pela Arquidiocese de Braga.
- b) Setembro de 2005: D. Jorge Ortega visita a Diocese de Pemba.
- c) 17/06/2010: os Bispos de Portugal publicam um documento sobre “Um rosto missionário da Igreja em Portugal”.
- d) 06/11/2010: nasce o Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB)
- e) 01/10/2012: D. Jorge Ortega, manifesta publicamente o seu “sonho” de irmanar missionariamente uma paróquia extraterritorial.
- f) 2013: em Braga, os Conselhos Pastoral e Presbiteral Arquidiocesanos assumem pareceres positivos unânimes quanto ao “sonho” do Senhor Arcebispo.
- g) Setembro de 2013: D. Luiz Lisboa, Bispo de Pemba, visita Braga.
- h) Início de 2014: Braga assegurou parte do contributo penitencial quaresmal para um projecto em Pemba.
- i) 27 de Outubro de 2014: assinatura de protocolo de cooperação missionária entre as duas dioceses. Na mesma altura, o CMAB cria o grupo de trabalho “Salama” para operacionalizar esta mesma cooperação.



- j) 2015: Braga assegurou parte do contributo penitencial quaresmal para a cooperação missionária com Pemba.
- k) Abril de 2015: envio a Pemba de uma equipa (padre, assistente social, enfermeira e investigadora na área da cooperação) para uma primeira auscultação das potencialidades do projecto de cooperação missionária.
- l) Junho de 2015: início da formação do primeiro grupo de missionários voluntários de Braga.
- m) Junho de 2015: integrando o plano pastoral arquidiocesano para 2015/2016

– ano missionário – escreve-se no mesmo como desafios: “Acolhimento de leigos, sacerdotes e consagradas da Diocese de Pemba na Diocese de Braga para prosseguimento de estudos e envio da comunidade constituída por um sacerdote e leigos missionários da Diocese de Braga para a Diocese de Pemba”

n) 07/11/2015: início da formação do segundo grupo de missionários voluntários de Braga (a decorrer).

o) Início de 2016: Braga assegurou parte do contributo penitencial quaresmal para a cooperação com Pemba.

p) (...)

2. Olhos para ver sonhos

Os nossos olhos não emitem luz. Ou seja, só vemos coisas que têm luz própria ou quando estão iluminados. Os nossos olhos não emitem luz. Recebem luz! Os sonhos servem, de facto, para iluminar os olhos (interiores e exteriores). Para os lavar. Precisamos, por isso, de sonhos. Não menores que à medida de Jesus. Precisamos também de olhos que os vejam e os assumam com alegria e não os confundam com equações. O Papa Francisco, no “Evangelho da Alegria”, por muitas vezes se refere aos olhos. Confirmem, em contraluz: “pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos” (46); “o olhar do discípulo missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (50); “olhar de fé sobre a realidade” (60); “reconhecer com olhar agradecido” (60); “olhar contemplativo” (71); “olhar crente” (84); “olhemos para os primeiros discípulos” (120), “conhecido o olhar de Jesus” (120); “sem olhar às nossas imperfeições” (121); “olhar do Bom Pastor” (125); “olhar para o coração do Evangelho” (130); “olhemos com

sinceridade a nossa vida (153); “olhar solidário” (169); “alongar mais o olhar” (190); “levantem o olhar” (205). “Creio que o segredo de Jesus esteja escondido naquele seu olhar o povo mais além das suas fraquezas e quedas (141). Creio no olhar bom (e bom é Um só). É tudo o que creio. É tudo o que Lhe peço.

3. Os irmãos, como os sonhos, também se escolhem

“Bem haja Dom Jorge e Arquidiocese de Braga por aceitar-nos como parceiros. Irmãos já somos!” (D. Luiz Lisboa, Bispo de Pemba, Outubro de 2014)

ARQUITECTURA: MEMORIAL DO HOLOCAUSTO



PEDRO CRUZ

ARQUITECTO

O Memorial dos Judeus Mortos da Europa é mais conhecido como o Memorial do Holocausto. Em Berlim,



experimentei-o como a mais marcante das evocações das atrocidades do nazismo – e na verdade toda a cidade parece fazer pressentir constantemente como que a condensação histórica do século XX. Em toda a parte pressente-se um outro tempo, um passado afinal tão pouco distante – induzidos talvez pela imagem do anjo perscrutador de Wenders (*cf.* ‘Asas do Desejo’, 1987)...

É um memorial para se experimentar: percorrer, trepar, saltar, penetrar, por entre centenas de paralelepípedos de betão escuro que, apesar de todos iguais e dispostos numa só grelha regular, estão como que enterrados no chão a profundidades diferentes, criando a ilusão de apresentarem diferentes alturas. Este artifício, a par da ondulação do próprio pavimento, gera um efeito de grande movimento. São 2711 os volumes, com 2380 x 950 x 4800 mm (como altura máxima, sendo a mínima de aproximadamente 200 mm). Peter Eisenman (1932-...) chamou esta sua obra de Memorial por ser um objecto arquitectónico sem significado simbólico. Mas é tão rico e tanto se presta a interpretações que julgo que essa sua vontade não foi conseguida. Desde logo, os blocos são estelas – evocando os marcos funerários ou comemorativos, em pedra ou madeira, desde há séculos “cravados” na História da Arquitectura, desde Stonehenge até

às pedras tumulares. Este objecto tem também um forte carácter escultórico, não tivesse Richard Serra (1939-...) emparelhado com Eisenman na fase de concurso inicial (Serra depois sairia do projecto). Esta “escultura” estende-se por tão grande área, 19000 m², que quase poderia apresentar-se como *landart*. Mas a intervenção é em paisagem urbana, bem às Portas de Brandeburgo. E eis senão quando, num dos “cantos” do Memorial, discreta e surpreendentemente, se descobre que os estreitos corredores entre estelas se afundam, criando fendas que conduzem a um espaço interior em piso enterrado (arquitectura!). Um pequeno Centro Informativo é construído no subsolo,

apurando o trabalho dos blocos e da grelha: são eles que conformam a laje, o tecto e se projectam de novo sobre o chão. No entanto, dão mote ao próprio arredo expositivo. Neste âmbito, enquanto visitantes, vemos os blocos por debaixo – aqueles que estavam mais enterrados; ou vemos os seus negativos – daqueles que estavam mais erguidos. Na exposição, o tema dos blocos é ainda materializado em volumes de luz, de projecções, em mesas baixas, em bancos de descanso, ou em volumes interiores informativos, isto é, volumes nos quais se entra. E tudo para lembrar as pessoas concretas, na Sala das Famílias, na Sala dos Nomes...

Quando entre-blocos, o Memorial lembra o *Cretto de Burri*, ode à morte: a massa de betão que preenche os quarteirões e deixa apenas, entre eles, as ruas da velha Gibellina (1984-89, Itália) destruída por terramoto em 1968. Quando sobre-blocos, lembra as *klimbergen* (montanhas de trepar) de van Eyck, ode à vida: os blocos paralelepípedos que se amontam para configurar um parque de recreio infantil na Amesterdão do pós-guerra (1950-51) e sobre os quais as crianças brincam e saltam. No Memorial conjugam-se as duas faces, morte e vida; percorremos os corredores recordando a morte e saltamos os blocos relançando a vida.

“AS MÚSICAS VALEM PELA SUA ESSÊN NÃO TANTO PELA MANEIRA COMO AS V

Compositor, cantor e instrumentista, Miguel Araújo aprendeu sobre música de forma “auto-didacta”, a ver vídeos dos Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan. As bandas de liceu somaram-se, mas a verdadeira projecção veio com “Os Azeitonas”. Diz ser mais criador de músicas do que cantor. Surpreendeu-se com o sucesso da música “Os maridos das outras”, do primeiro álbum. “A maneira como está produzida, assim com poucos instrumentos e de uma forma muito minimalista e directa, não tinha cara de sucesso de rádio”, desvenda.

NO SEU PRIMEIRO ÁLBUM A SOLO, A MÚSICA “OS MARIDOS DAS OUTRAS” TEVE UM GRANDE SUCESSO. ESTAVA A CONTAR COM ESSE IMPACTO?

Não estava a contar com grande sucesso. A primeira vez que toquei essa música foi com o João Só, no cinema Passos Manuel, no Porto, e de facto teve um impacto imediato, coisa que as músicas é muito raro terem, pelo menos as minhas. Tão imediato que o pessoal até pediu para repetirmos essa. Geralmente o pessoal pede um *bis* de uma música que já conhece, não de uma música que ouviu pela primeira vez. Alguém filmou com o telemóvel e aquilo gerou muito barulho. Eu na altura não ia gravar o meu primeiro disco sequer, mas quando o gravei incluí essa música, só que a maneira como está produzida, com poucos instrumentos e de uma forma muito minimalista e directa, não tinha cara de sucesso de rádio. Eu lembro-me de o pessoal à minha volta, *managers* e tal, dizerem “é pena porque esta música podia ser um grande sucesso

e pela maneira como estás a tocá-la, nunca há-de ser”. Só que o objectivo do disco não era tanto esse, de invadir as rádios de uma maneira muito proeminente, mas isso aconteceu na mesma, por isso, de facto, é mais uma lição de que as músicas valem pela sua essência, não tanto pela maneira como as vestimos. Mas não contava, não contava, de facto, que fosse ter tanto sucesso assim. Deu em todas as rádios, não se podia ouvir outra coisa na altura que não fosse essa música.

JÁ COMPÔS PARA ALGUNS MÚSICOS, NOMEADAMENTE O ANTÓNIO ZAMBUJO E A ANA MOURA. COMO É VER OUTROS ARTISTAS INTERPRETAREM AS SUAS MÚSICAS?

É incrível porque é quase como se fosse uma nova camada de autoria por cima. Eu faço a música e depois aquilo cantado por outra pessoa é como se levasse uma camada de verniz autoral por cima que eu não contava e do qual eu não estava à espera, então é espectacular, é quase como se eu pudesse apreciar uma música minha, coisa que com a minha voz não dá porque é muito próximo para uma pessoa poder saber se gosta ou não. E já me aconteceu ficar deslumbrado com uma música minha, o que é espectacular! Acontece sempre com o Zambujo, com a Carminho, com a Ana Moura, é sempre um deslumbramento. Mas houve uma música que a Raquel Tavares gravou – ainda não saiu, nem sei se vai sair, depois o pessoal decide se põe nos discos ou não – em que a versão dela era muito diferente da minha, o ritmo, o andamento, ela cortou lá umas partes, mas ela, e quem está a trabalhar com ela, fez ali um trabalho de corte e cose em que a música quase parecia outra. Eu achei espectacular.

COMO E QUANDO SURTIU O PRIMEIRO CONTACTO COM A MÚSICA?

O primeiro contacto com a música foi através de uns tios meus que têm uma banda. Aliás, na altura – que foi no fim dos anos 80 – eles voltaram a formar a banda que já estava inactiva há uns anos.



EU FAÇO A MÚSICA E DEPOIS AQUILO CANTADO POR OUTRA PESSOA É COMO SE LEVASSE UMA CAMADA DE VERNIZ AUTORAL POR CIMA

E foi a ver os ensaios deles e o repertório do que eles tocavam de músicas dos Beatles, “Stones”, Bob Dylan, etc., o meu primeiro grande contacto, foi aí que eu fiquei agarrado. O ano terá sido 88/89, por aí. Tinha 10/11 anos.

E A PARTIR DAÍ MANTEVE SEMPRE O CONTACTO COM A MÚSICA?

Depois fui mantendo o contacto, estudando de uma maneira auto-didacta, mas fui sempre ouvindo muita música, tentando imitar o que via em vídeo. Quando dava um concerto na RTP – que na altura acontecia muito, hoje em dia não – gravava no vídeo e punha para trás para ver onde é que os guitarristas punham os dedos e tal. Os meus pais ofereceram-me uma viola no Natal e foi desde aí, desde pequenino, sempre assim com muito afinco, muita obsessão, sempre tentando aprender. Até hoje.

UM PROJECTO A SOLO TEM OUTRO SABOR? É DIFERENTE?

A coisa mais importante para mim é a autoria das músicas, é a parte que eu considero que é o meu trabalho, é o que eu ponho à disposição das pessoas para poderem apreciar, mais do que a minha voz e essas coisas todas, são mesmo as músicas em si. E nos “Azeitonas” ou a solo não é muito diferente porque nos “Azeitonas” não sou o único compositor mas sou o principal, e o meu papel nos “Azeitonas” é esse, é fornecer músicas, mais do que tocar guitarra ou cantar – coisa que também faço com muito gosto. Então, nesse aspecto não é muito diferente, a diferença é depois nos concertos o papel que eu desempenho. Até aqui nunca tinha sido *frontman*, nunca tinha sido vocalista principal, nunca tinha cantado num concerto do princípio ao fim, eu nem sabia se tinha voz para aguentar um concerto inteiro, não fazia a mínima ideia, nunca tinha feito isso na vida. Nas bandas da minha adolescência, da minha infância, da minha juventude, nunca fui vocalista nem coisa que se parecesse, então a diferença é mesmo essa, é o cantar e estar à frente, falar com o público, estar no centro das atenções, isso foi a grande diferença e a grande mudança.

COMPOR É O QUE LHE DÁ MAIS GOZO?

É. Gozo não é a palavra, não é que seja gozo. Na altura em que se está ali de volta, ali com a mão na massa, à espera que as músicas saiam, chega a ser um bocado angustiante, desesperante. Mas dá-me gozo uma música estar acabada e sair, ir para a rua, andar nos concertos. Essa é a parte que mais gozo me dá.



CIA, VESTIMOS”

JÁ TRABALHOU COM DIVERSOS MÚSICOS, O ANTÓNIO ZAMBUJO, A LUÍSA SOBRAL, POR EXEMPLO. O CONTACTO PRÓXIMO COM OUTROS ARTISTAS ACABA POR INFLUENCIAR O SEU TRABALHO?

Completamente. Uma pessoa aprende sempre muito. Então a Luísa... Formou-se em música nos Estados Unidos, veio de lá com uma aprendizagem que eu não posso senão almejar ao longe. O Zambujo tem toda aquela tradição portuguesa na música dele, do fado e da música alentejana, que para mim é uma coisa absolutamente invejável. Eu lembro-me de olhar para o Zambujo e invejar o facto de ter uma herança musical muito marcada, mas estava a ser burro porque eu tenho também, só que não é a portuguesa. Mas eu lembro-me de pensar nisso, “olha este tipo com esta coisa tão incrível, tão purinha, tão genuína”. Uma pessoa aprende imenso, acordes novos, melodias novas, músicas que não se conhecia antes. Esses encontros são coisas que marcam muito. Todo o conhecimento mais formal que eu tenho de música

— e que não é muito — se eu sei ler uma cifra, se sei as notas que compõem um acorde, aprendi não tanto com esses ídolos distantes, mas com amigos próximos, incluindo eles, mais recentemente. Eu quando tinha 16 anos tinha um amigo, que era o Ricardo Passos, que sabia muito de música e que estudava muito jazz, e eu fui aprendendo com ele. Depois, mais tarde, o João Salcedo, que agora também faz parte dos Azeitonas, ensinou-me muitas das coisas que eu sei. Uma pessoa aprende com o contacto, é como aprender a falar ou aprender a andar.

ACHA QUE HÁ UMA EVOLUÇÃO DO MIGUEL ENQUANTO MÚSICO DO PRIMEIRO ÁLBUM PARA O SEGUNDO?

Há, principalmente a cantar. Eu era muito inseguro a cantar, não gostava muito de cantar sequer e agora comecei a ganhar outra segurança e outro gosto que não tinha. Era a única coisa que eu não gostava mesmo. Adoro tocar tudo o que é instrumento, adoro tudo, todas as partes do processo. Cantar, principalmente em estúdio, era coisa que eu não gostava nada. Mas nesse aspecto evolui bastante. Acho que evolui em todos os aspectos, produção, tocar também. A estrada dá muito calo. E evolui também na postura em palco, ficava muito nervoso e agora já não fico.

QUE PAPEL É QUE A RELIGIÃO OCUPA NA SUA VIDA?

Eu sou católico praticante. Dantes não era, mas agora sou. Então é uma coisa que faz parte da minha vida. Sou praticante 24h por dia, 365 dias por ano. Mesmo que nem sempre vá à missa

— nem sempre posso, ao Domingo estou quase sempre não sei onde porque tive um concerto na véspera — para mim a prática religiosa é uma coisa tão importante quanto a prática física, de desporto.

REFERIU QUE ANTIGAMENTE NÃO ERA PRATICANTE E AGORA É. QUANDO E PORQUE É QUE ISSO MUDOU?

Mudou há uns sete ou oito anos. Foi uma coisa muito simples, foi a minha mulher — na altura minha namorada — que me levou para estes caminhos. E tive outra perspectiva que não a perspectiva catequista da infância, que me afastou na altura, e que é um processo que aconteceu com muitas pessoas que eu conheço, a maior parte mesmo. A catequese da adolescência é baseada em coisas muito sobre-humanas, em coisas muito impossíveis para a mente de uma pessoa de 17/18 anos, e a minha mulher mostrou-me uma perspectiva diferente, mais pragmática, mais prática, menos dogmática. E eu fui ficando, mais ou menos como foi com a música aos 11 anos.

“

SOU [CATÓLICO] PRATICANTE 24H POR DIA, 365 DIAS POR ANO



VEJA O VÍDEO EM
www.youtube.com/diocesebraga



“TALVEZ VENHA A DAR FRUTOS”

III DOMINGO
QUARESMA

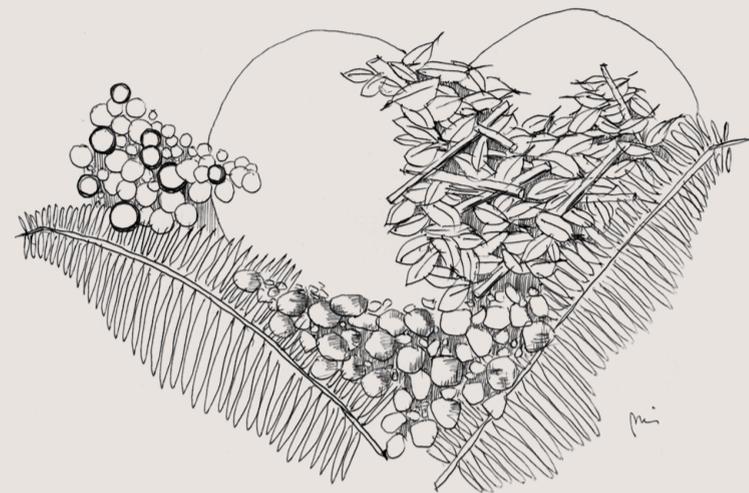


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- ENTRADA: *Escutai, Senhor*, C. Silva (NCT 88)
- ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO: *Louvor a Vós, Rei da eterna glória / Arrependei-vos, diz o Senhor...*, F. Santos (BML 50)
- COMUNHÃO: *Ditosos os que Te louvam*, F. Santos (NCT 109)
- PÓS-COMUNHÃO: *Hino do Ano da Misericórdia*
- FINAL: *Vós me salvastes, Senhor*, M. Simões (IC, p. 257 / NRMS 16)

EUCOLOGIA

Orações próprias do III Domingo da Quaresma (*Missal Romano*, p. 190).
Prefácio da Quaresma V (*Missal Romano*, p. 465).
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529ss)

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ex 3, 1-8a.13-15

Leitura do Livro do Êxodo

Naqueles dias, Moisés apascentava o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Ao levar o rebanho para além do deserto, chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe então o Anjo do Senhor numa chama ardente, do meio de uma sarça. Moisés olhou para a sarça, que estava a arder, e viu que a sarça não se consumia. Então disse Moisés: “Vou aproximar-me, para ver tão assombroso espectáculo: por que motivo não se consome a sarça?”. O Senhor viu que ele se aproximava para ver. Então Deus chamou-o do meio da sarça: “Moisés, Moisés!”. Ele respondeu: “Aqui estou!” Continuou o Senhor: “Não te aproximes. Tira as sandálias dos pés, porque o lugar que pisas é terra sagrada”. E acrescentou: “Eu sou o Deus de teus pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob”. Então Moisés cobriu o rosto, com receio de olhar para Deus. Disse-lhe o Senhor: “Eu vi a situação miserável do meu povo no Egípto; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel”. Moisés disse a Deus: “Vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: «O Deus de vossos pais enviou-me a vós». Mas se me perguntarem qual é o seu nome, que hei-de responder-lhes?”. Disse Deus a Moisés: “Eu sou «Aquele que sou»”. E prosseguiu:

“Assim falarás aos filhos de Israel: O que Se chama ‘Eu sou’ enviou-me a vós”. Deus disse ainda a Moisés: “Assim falarás aos filhos de Israel: «O Senhor, Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, enviou-me a vós. Este é o meu nome para sempre, assim Me invocareis de geração em geração»”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 102 (103), 1-4.6-8.11 (R. 8a)

Refrão: O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

LEITURA II 1 Cor 10, 1-6.10-12

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Não quero que ignoreis que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, passaram todos através do mar e na nuvem e no mar, receberam todos o baptismo de Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual e todos beberam a mesma bebida espiritual. Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava: esse rochedo era Cristo. Mas a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto. Esses factos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de não cobiçarmos o mal, como eles cobiçaram. Não murmureis, como alguns deles murmuraram, tendo perecido às mãos do Anjo exterminador. Tudo isto lhes sucedia para servir de

exemplo e foi escrito para nos advertir, a nós que chegámos ao fim dos tempos. Portanto, quem julga estar de pé tome cuidado para não cair.

EVANGELHO Lc 13, 1-9

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, vieram contar a Jesus que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus, juntamente com o das vítimas que imolavam. Jesus respondeu-lhes: “Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo. E aqueles dezoito homens, que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou? Julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu digo--vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos de modo semelhante”. Jesus disse então a seguinte parábola: “Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: «Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há-de estar ela a ocupar inutilmente a terra?». Mas o vinhateiro respondeu-lhe: «Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la--ás cortar no próximo ano»”.

ANO C — 2016

TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA

O DEUS DE VOSSOS PAIS ENVIU-ME A VÓS

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Conversão.

CARACTERÍSTICA

Aprofundar o sentido do arrependimento.

CONCRETIZAÇÃO: A nossa condição de pecadores reclama mudança (conversão), tudo o que em nós é negação da vida e do sabor de bom fruto será objecto de especial esforço purificador. Simbolizando este dinamismo interior e pessoal, no início desta terceira semana, removemos os ramos e as folhas secas que se colocaram sobre o “coração”.

MISSÃO

Nesta semana, propomos que se invista seriamente na vivência das “24 horas para o Senhor” (de 4 [Sexta] para 5 de Março [Sábado], conforme sugestão do Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, nº 17) e se faça desse momento uma oportunidade para a Reconciliação que permite saborear a clemência e a compaixão de Deus.

REFLEXÃO

A Quaresma é o tempo da conversão e da misericórdia. O Terceiro Domingo da Quaresma (Ano C) põe em evidência esta mensagem na Liturgia da Palavra: uma Palavra que revela Deus presente junto do seu povo (primeira leitura), clemente e cheio de compaixão (salmo), paciente para com todos (evangelho), que nos convoca à conversão. Entretanto, Paulo adverte: o desejo de conversão tem de ser permanente (segunda leitura). Não podemos relaxar! Não podemos pensar que estamos “imunes” só pelo facto de sermos baptizados: Jesus Cristo di-lo claramente. A Quaresma é o tempo da sinceridade do coração, o tempo do amor verdadeiro.

“O Deus de vossos pais enviou-me a vós”

A sarça ardente que não se consome é, na Sagrada Escritura, um dos símbolos fundamentais para expressar a presença de Deus. No fragmento do livro do Êxodo proposto para primeira leitura está patente o que se pode designar como auto-descrição de Deus: “Eu sou «Aquele que sou»”. Depois de Abraão (Segundo Domingo da Quaresma), surge agora Moisés. Embora não seja o “fundador” do judaísmo, é nele uma pedra fundamental. A teofania (manifestação de Deus) surge, como sempre, de forma inesperada. Moisés sente-se atraído pelo fenómeno da sarça ardente. Aproxima-se para a contemplar melhor, quando é interpelado pelo mistério de Deus. Os elementos da manifestação do divino vão surgindo pouco a pouco: o monte, lugar da presença de Deus; o Anjo que fala; a sarça que arde sem se consumir. Estes elementos visuais e simbólicos estão

acompanhados por palavras que os explicam: o monte é o Horeb; do meio da sarça, Deus chama Moisés pelo nome; este responde (diálogo); Deus pede que tire as sandálias (sacralidade do lugar/momento); Moisés cobre o rosto (atitude constante nas teofanias). O centro da teofania é ocupado pelas intervenções divinas. Deus começa por se apresentar como “familiar” dos hebreus (“Eu sou o Deus de teus pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob”), assinalando desta forma uma continuidade na história da salvação. E revela-se não como um Deus impassível, mas como capaz de compaixão e misericórdia: “Eu vi a situação miserável do meu povo no Egípto; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios”. Moisés não vai agir por conta própria, mas é “Outro” (Deus) que quer precisar dele, visita-o e convoca-o para uma missão: “O Deus de vossos pais enviou-me a vós”. Eis uma bela apresentação de cada experiência de encontro com Deus: Aquele que se dá a conhecer na sarça ardente que não se consome é o Deus que escuta o clamor dos seus filhos oprimidos e dispõe-se a agir como protetor e libertador dos desprotegidos. Os gritos de misericórdia “ardem” no coração de Deus. “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja» (MV 3).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Preparação penitencial

(Durante este momento retiram-se de cima do “coração” as folhas e os ramos secos).

Sugere-se a fórmula C (*Missal Romano*, pp. 443), com os seguintes tropos:

V/ Senhor, clemente e compassivo, que espalhais no mundo o fogo do Vosso amor, com a paciência de quem sabe esperar os frutos, tende misericórdia!

R/ Senhor, misericórdia!

V/ Cristo, rochedo espiritual que nos acompanha, libertai-nos da escravidão do pecado e tende misericórdia!

R/ Cristo, misericórdia!

V/ Senhor, luz que dissipa as nossas trevas e fortalece os corações fatigados, tende misericórdia!

R/ Senhor, misericórdia!

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos em Cristo:

Oremos ao Deus vivo, que revelou a Moisés o seu nome santo, e intercedamos pelas necessidades da Igreja e do mundo, dizendo (ou cantando), confiadamente:

R. *Salvador do mundo, salvai-nos.*

1. Vós que falais, hoje, à Vossa Igreja como outrora a Moisés, na sarça ardente, ajudai-nos a proclamar a Boa Notícia de que sois um Deus sempre pronto para o perdão, porque clemente e cheio de compaixão, oremos.

2. Vós que ouvis o grito dos oprimidos, a partir das periferias da violência, da fome e dos maus tratos, abri o coração dos líderes, para que sejam sensíveis ao sofrimento dos outros e façam o que está ao seu alcance para o minorar, oremos.

3. Vós que acompanhais o Vosso povo e conheceis as suas dificuldades e infidelidades, guiai-nos pelos caminhos da conversão e do perdão, juntamente com os que, nesta Quaresma, se preparam para o Baptismo, oremos.

4. Vós que vos compadeceis dos que sofrem, no corpo ou no espírito, e dos que estão sós, fazei de nós intérpretes e mediadores da vossa misericórdia, a fim de levarmos consolação e conforto a uns e a outros, oremos.

5. Vós que, neste Tempo da Quaresma, nos sugeris uma atenção redobrada aos que mais precisam, mediante a prática das Obras de Misericórdia, fazei de nós pessoas capazes de partilhar com os necessitados, por meio da *Cáritas*, oremos.

Deus de bondade infinita, usai de paciência para conosco e fazei com que a Palavra que escutámos dê fruto abundante em nossas vidas. Por Cristo, nosso Senhor.

ADMONIÇÃO FINAL

No final desta celebração, em que celebrámos o Deus paciente, clemente e compassivo, disponhamo-nos a partir para a vida com uma enorme vontade de permanecer firmes na fé e de dar frutos abundantes, pela prática das boas obras. Assinale cada um na agenda da sua vida a participação empenhada nas “24 horas para o Senhor”.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene própria do Tempo da Quaresma (*Missal Romano*, p. 556)



“NOVA ÁGORA”. ABERTAS INSCRIÇÕES PARA SEGUNDO DEBATE

Auditório Vita Braga

Ciclo de Conferências Nova Ágora 2016

Olhares sobre Trabalho, Educação e Arte

26 Feb — 21h Trabalho
 4 Mar — 21h Educação
 11 Mar — 21h Arte

As inscrições para a segunda conferência da Nova Ágora já estão abertas. O debate intitulado “Olhares sobre a Educação” decorre no dia 4 de Março, pelas 21h00, no Auditório Vita. O ex-Primeiro-Ministro António Guterres, o ex-Ministro da Justiça Laborinho Lúcio, e o ex-Ministro da Educação Eduardo Marçal Grilo compõem o painel de oradores, num debate moderado por Fátima Campos Ferreira. A Arquidiocese aconselha inscrição prévia no site “novaagora.pt”, para que os interessados possam garantir lugar na conferência. As inscrições para o “Olhares sobre o Trabalho”, a decorrer no dia 26 de Fevereiro, estão perto de atingir a lotação máxima do auditório. Neste primeiro painel estarão presentes a debate o Ministro da

Economia, Manuel Caldeira Cabral, o sociólogo e sindicalista Manuel Carvalho da Silva e o vice-Presidente do Conselho Económico e Social Europeu (CESE), Gonçalo Lobo Xavier, com a moderação de Luís Marques Mendes. As inscrições para o último debate, intitulado “Olhares sobre a Arte” e com data marcada para dia 11 de Março, ainda não se encontram abertas. A encerrar o ciclo de conferências estarão o escultor Rui Chafes, vencedor do Prémio Pessoa 2015, e os escritores Mário Cláudio e Pedro Sobrado, sob a moderação da jornalista da Renascença Maria João Costa. Esta é a segunda edição da Nova Ágora, um ciclo de conferências de “Olhares sobre...”, que procura promover o diálogo e debate sobre temas da actualidade.

AGENDA

18.02.2016 E 19.02.2016

PEÇA DE TEATRO
“SUBTERRÂNEO”

21h30 / Teatro Circo

19.02.2016

DOCUMENTÁRIO “RUÍNAS”

21h40 / Casa do Professor

21.02.2016

“É PRECISO TER LATA”:
RECOLHA DE ENLATADOS

Final das Eucaristias das 10h e 12h
/ Basílica de S. Pedro



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Francisco Senra Coelho, Bispo Auxiliar de Braga.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
 Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
 Design: Romão Figueiredo
 Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
 Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Recolecção do Clero

23 FEV. 2016 Seminário Conciliar

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | LECTIO DIVINA | ADORAÇÃO | ALMOÇO

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

PAPA FRANCISCO

O espírito da QUARESMA e PÁSCOA

O ESPÍRITO DA QUARESMA E PÁSCOA

Este livro debruça-se sobre a importância e significado da Quaresma e da Páscoa. A base para essa reflexão são as homilias e meditações do Papa Francisco ao longo dos três anos de pontificado. “O espírito da Quaresma e Páscoa” está dividido em três partes: Quaresma, Semana Santa e Páscoa. Os diversos textos encontram-se ilustrados com gravuras.

PVP € 8,90

10%* Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 18 a 25 de Fevereiro de 2016.